

## RESUMO PARA COMUNICAÇÃO (ORAL/SINALIZADA) - ESTUDOS DA TRADUÇÃO

### **A ESCREVIVÊNCIA NA TRADUÇÃO ECFRÁSTICA EM LIBRAS: (RE)CRIANDO NARRATIVAS E PROTAGONISMOS DE MINORIAS**

*Flavia Constantini De Souza Almeida (constantini110@gmail.com)*

Este estudo de caso investiga a tradução ecfástica de uma xilogravura para a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como prática de escrevivência (Evaristo, 2017), explorando seu papel na ressignificação de narrativas e na representação de grupos historicamente marginalizados, em especial as comunidades surda e preta. A pesquisa parte da compreensão de que a tradução, nesse contexto, vai além da transposição linguística: pensando na tradução como um gesto político e estético de resistência, capaz de gerar novas formas de expressão e de reconfiguração simbólica. A imagem de origem — uma xilogravura que retrata uma figura histórica africana — é utilizada como estímulo visual e narrativo para a criação de poemas em Libras, que compõem o corpus desta análise.

A fundamentação teórica articula três eixos principais: (1) a écfrese como forma de tradução intersemiótica e poética (Sutton-Spence; Machado, 2023), na qual uma imagem é recriada em linguagem visual-cinética; (2) as Normas Surdas de Tradução (Stone, 2009), que valorizam a agência do tradutor surdo na

construção de sentidos culturais próprios; e (3) o conceito de escrevivência (Evaristo, 2017), que une experiência vivida e escrita como forma de resistência narrativa e legitimação de subjetividades negras e periféricas. A metodologia adotada é de base colaborativa e participativa, com um processo tradutório prolongado, conduzido por tradutores surdos segundo o método de pensamento compartilhado (West; Sutton-Spence, 2012), o que favoreceu a construção coletiva de significados e decisões tradutórias.

A tradução foi registrada em vídeo e analisada sob uma perspectiva discursiva e intersemiótica, permitindo identificar as estratégias linguísticas, espaciais e poéticas mobilizadas na recriação da narrativa visual em Libras. Os resultados indicam que a tradução ecrástica não apenas reinterpreta a obra de origem, mas a transforma em um espaço de autoria e criação estética, no qual os tradutores surdos projetam suas experiências sensoriais, culturais e identitárias — independentemente de outros marcadores sociais, como gênero ou classe. A obra traduzida em Libras passa a conter não só o eco da imagem original, mas também camadas de sentido oriundas das vivências surdas, convertendo-se em um produto artístico autônomo e inovador.

Conclui-se que a prática da tradução ecrástica em Libras promove a ampliação do repertório literário e artístico da comunidade surda, fortalecendo sua visibilidade e reconhecimento social. Além disso, contribui para a preservação e afirmação de culturas negras e surdas como partes indissociáveis do patrimônio simbólico brasileiro. A écrase, nesse contexto, consolida-se como uma ferramenta potente de empoderamento, memória coletiva e reconstrução de histórias silenciadas, abrindo caminho para novas epistemologias visuais e práticas tradutórias contra-hegemônicas no campo das artes, da literatura e da tradução.

Palavras-chave: palavras-chave: tradução ecrástica; libras; escrevivência; normas surdas de tradução; xilogravura.